

A culpa e o masoquismo moral na textura das neuroses

Maria Aparecida Ramos de Stefano

RESUMO: debrucei-me um pouco sobre a teoria das pulsões, porque são elas que fazem com que uma constante polaridade existente dentro de todos nós, a do prazer e do desprazer, nos mobilizem a dar forma representável aos objetos e ao nosso pensar, desde que nascemos. Essa polaridade vai desembocar em temas como o masoquismo, a compulsão à repetição, a psicologia de massas e a destrutividade.

A culpa e o masoquismo moral na textura das neuroses

Maria Aparecida Ramos de Stefano

INTRODUÇÃO

Escolhi o tema da culpa e do masoquismo como objeto de aprofundamento, porque entendo ser ele fundamental na compreensão das neuroses tanto no nível teórico como no clínico. Para iniciar o meu estudo, debruçei-me um pouco sobre a teoria das pulsões, porque são elas que fazem com que uma constante polaridade existente dentro de todos nós, a do prazer e do desprazer, nos mobilizem a dar forma representável aos objetos e ao nosso pensar, desde que nascemos. Essa polaridade vai desembocar em temas como o masoquismo, a compulsão à repetição, a psicologia de massas e a destrutividade.

TEORIA DAS PULSÕES

Em sua primeira teoria das pulsões, Freud, herdeiro da teoria darwinista, diz que duas pulsões fazem a vida acontecer: a sexual e a de autoconservação. Essa divisão ainda está muito ligada ao fator biológico, ao instinto. Num determinado momento, ele sai da ideia de instinto (instinct, em alemão), que faz com que o animal se comporte de determinado modo e que está inteiramente relacionado ao fator biológico, para a ideia de pulsão (trieb, em alemão), uma construção teórica que implica a capacidade humana de interpretar a sua própria força. Assim, fica constatado que o animal cumprirá seu impulso necessariamente, enquanto o homem não.

Em 1920 Freud, no texto *Além do Princípio de Prazer*, vai introduzir um ponto de vista econômico na teoria das pulsões, baseado em fatos de sua observação diária. Diz ele que “o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio de prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer”. Ele relaciona o prazer e o desprazer à quantidade de excitação presente na mente, dizendo que o desprazer corresponde a um aumento de excitação e o prazer, a uma diminuição. Freud chama o momento após a descarga de “satisfação” (befriedigung, em alemão). Trata-se de um momento em que a pulsão entra, por assim dizer, em estado de repouso. A combinação de carência insatisfeita com instantes de satisfação manterá o sujeito em movimento, em busca da promessa de repouso pulsional. Essa ação de descarga pode ocorrer simultaneamente no nível fisiológico energético e no nível representacional. No primeiro caso há uma descarga motora de estímulos e no segundo há, geralmente, a satisfação do desejo.

Fora do alcance do princípio de realidade e da ação do ego, o objetivo das ondas de estímulos pulsionais é a satisfação imediata. O sentido dessa satisfação é cancelar a necessidade momentânea. Mas não há para a pulsão mais do que um instante de pequena morte no sentido de um desligamento, de um cancelamento das necessidades vitais, como diz Freud, “não lhe é permitida qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas”. Cabe colocar aqui a noção de Pulsão de Morte trazida por Freud no texto *Além do Princípio do Prazer*. Na Pulsão de Morte a satisfação não se refere mais à procura imediatista de um momento de suspensão do estímulo, da tensão, mas assume a forma plena de desejo de morte. A satisfação procurada pela Pulsão de Morte é o total cancelamento da tensão. Nas formulações após 1920, a satisfação corresponderá ao estado propiciado pelo Princípio do Nirvana (estado de quietude absoluta, extinção das pulsões de vida).

Em 1924, quando trata do *Problema Econômico do Masoquismo*, que me interessa particularmente nesse estudo, Freud vai falar que os princípios de prazer e desprazer bem como o princípio de realidade ocorrem *combinados* com as duas pulsões básicas que acabamos de examinar. Diz ele: ... “só pode ser o instinto (Trieb) de vida, a libido, que assim, lado a lado com o instinto (Trieb) de morte, apoderou-se de uma cota de regulação dos processos de vida. (...) O Princípio de *Nirvana* expressa a tendência do instinto (Trieb) de morte; o princípio de Prazer representa as exigências da libido e a modificação do último princípio, o princípio da Realidade representa a influência do mundo externo”. E continua dizendo: “Nenhum desses princípios é realmente colocado fora de ação pelo outro. Via de regra, eles podem tolerar-se mutuamente, embora conflitos estejam fadados a surgir ocasionalmente do fato dos objetos diferentes que são estabelecidos para cada um: num dos casos, uma redução quantitativa da carga de estímulo; noutro, uma característica qualitativa do estímulo, e, por último [no terceiro caso], um adiamento da descarga do estímulo e uma aquiescência temporária ao desprazer devido à tensão”. Aqui fica claro que a Pulsão de Morte é concebida por Freud como amalgamada e regulada pelas Pulsões de Vida. É certo que Freud fala mais adiante em fusão e des fusão dos instintos, mas completa: “Não podemos presentemente imaginar a extensão dos instintos de morte que se recusam a serem amansados através de misturas com a libido”. Portanto, após a introdução da Pulsão de Morte e Pulsões de Vida, os processos psíquicos são pensados como movimentos pulsionais fusionados, de modo que não há representação e desejo para a Pulsão de Morte pura nem para a Pulsão de Vida pura.

MASOQUISMO E TEORIA DAS PULSÕES

O masoquismo tem relação direta com a Pulsão de Morte. Freud considera a possibilidade de que nem sempre o sujeito busca o prazer sem que haja uma força contrária que leve o sujeito a buscar o desprazer. O que o levaria a considerar uma força contrária à busca do prazer? É a dualidade pulsional. A vida é um processo dialético em que forças contrárias e complementares levam o indivíduo a fazer ligações e rompimentos. É a Pulsão de Vida que nos leva a fazer ligações, uma vez que está ligado às exigências da libido. Mas haveria também dentro de nós a impulsividade de atacar os outros, um sadismo original que nos levaria a agredir, a destruir, e que estaria ligado à Pulsão de Morte. O masoquismo seria essa mesma força destrutiva dirigida contra o próprio sujeito.

Para detalhar melhor o problema do masoquismo, cumpre falar nos três tipos de masoquismo que Freud coloca em seu texto *O Problema Econômico do Masoquismo*. O primeiro deles é o masoquismo *erógeno* que implica o prazer no sofrimento. Os outros dois tipos de masoquismo são chamados de masoquismo *feminino* e masoquismo *moral*. O chamado masoquismo *feminino* e o masoquismo *moral* são expressões do masoquismo erógeno uma vez que esse, segundo Freud, “ele jaz também no fundo das outras duas formas”.

Não vou me estender aqui sobre o masoquismo erógeno e o feminino, porque este trabalho visa focar o problema da *culpa e do masoquismo moral, uma vez que esse tipo de masoquismo está geralmente mais implicado na cura analítica das neuroses*.

O MASOQUISMO MORAL

O masoquismo moral é aquele ao que as neuroses recorrem mais habitualmente quando o masoquismo lhes é necessário. Ele está no cruzamento das relações do masoquismo com a neurose, uma vez que a culpa é uma noção fundamental na compreensão da organização neurótica.

Freud define o masoquismo moral em função da noção de culpa. Diz ele: “A terceira e, sob certos aspectos, a forma mais importante de masoquismo, apenas recentemente foi identificada pela

psicanálise como *um sentimento de culpa que, na maior parte, é inconsciente*". Mas, se a culpa define o masoquismo moral, é preciso, no entanto, distingui-los, senão poderíamos chegar, em última instância, a uma não distinção entre neurose e perversão. Isso porque a culpa seria, na forma do masoquismo, um fenômeno próximo à perversão.

DISTINÇÃO ENTRE CULPA E MASOQUISMO MORAL

Com relação à distinção do masoquismo moral e da culpa, Freud nos diz: "Dissemos que as pessoas em questão dão por sua conduta — na cura e na vida — a impressão de serem excessivamente inibidas moralmente, como se estivessem sob o domínio de uma consciência moral particularmente sensível, ainda que essa supermoral não seja consciente para elas. Ao aprofundar a questão, aprendemos bem a diferença que separa tal prolongamento inconsciente da moral e o masoquismo moral".

Uma vez que o prolongamento inconsciente da moral é a culpa, qual seria a diferença entre culpa e masoquismo moral? Freud diz o seguinte: "No primeiro [a consciência moral, a culpa], o acento recai sobre o sadismo acrescido do Supereu a que o Eu se submete; no segundo [masoquismo moral], o acento recai, ao contrário, sobre o masoquismo próprio do Eu que reclama punição, seja do Supereu ou do exterior, das potências parentais"...

Há uma diferença fundamental entre o sadismo do Supereu, bastante severa, e o masoquismo do Eu. A diferença entre culpa e masoquismo reside no fato de que a culpa caracteriza mais especificamente o Supereu, e o masoquismo, o Eu. Na culpa, o Eu "*se submete ao Supereu*", enquanto no masoquismo o Eu não se submete ao Supereu, ele *deseja* essa submissão. O que separa fundamentalmente a culpa do masoquismo é a questão do *lugar da satisfação*. Na culpa, a satisfação é uma satisfação libidinal que tem objeto próprio, e a culpa *vem depois* dessa satisfação. No masoquismo moral, a satisfação essencial reside *na própria culpa, é o sentimento de culpa que é erotizado*, isto é, masoquismo investido.

Freud sublinha a dificuldade da aplicação dessa teoria na clínica e nos esclarece dizendo: "O masoquismo engendra *a tentação de cometer "o pecado"*, este que deve em seguida ser expiado pelas repreensões da consciência moral sádica ou ainda pelo castigo do Destino, a grande potência parental. *A fim de preparar a punição*, o masoquismo deve agir contra aquilo que convém..." Assim por meio de uma das artimanhas do inconsciente, o sujeito masoquista comete um "pecado" a fim de "provocar a punição" que é o objeto de sua verdadeira e profunda satisfação. A questão é, portanto, complicada, pois é preciso saber se a satisfação libidinal primeira é o verdadeiro objeto do desejo ou se ela vem somente provocar o sadismo do Supereu, o sentimento de culpa cuja erotização seria, então, o objeto perseguido.

É importante notar, no plano clínico, que certa concomitância entre sadismo do Supereu ou culpa e masoquismo próprio do Eu pode aparecer; é preciso ver de que maneira a passagem de um a outro, da culpa ao masoquismo e inversamente ocorre.

Diz Freud: "O retorno do sadismo contra a própria pessoa se produz regularmente durante a *repressão cultural das pulsões* que impede que uma grande parte dos componentes pulsionais destrutivos seja exercida em vida. Podemos pensar que esse elemento de destruição que se retirou é traduzido sob a forma de um aumento de masoquismo no Eu. Mas os fenômenos da consciência moral nos sugerem que a destruição que voltou do mundo exterior é também retomada pelo Supereu sem sofrer tal transformação, o que eleva seu sadismo contra o Eu. O sadismo do Supereu e o masoquismo do Eu se completam mutuamente e unem-se para provocar as mesmas consequências".

Freud nos oferece uma explicação teórica da confusão entre culpa e masoquismo moral. Diz ele: “A confusão [entre culpa e masoquismo moral] que fazíamos inicialmente é desculpável, pois nos dois casos trata-se de uma relação entre o Eu e o Supereu, ou potências que lhes são equivalentes, e nos dois casos voltamos a uma necessidade que é satisfeita pela punição e pelo sofrimento”. Assim, tanto o masoquismo moral como a culpa são modalidades diferentes de uma relação entre o Eu e o Supereu, da necessidade que o primeiro sente de uma punição infligida pelo segundo. Mas, a partir daí, são diferentes. Na culpa, trata-se verdadeiramente de Supereu, isto é, de herdá-lo do Édipo obtido de uma introjeção-identificação das relações objetais edipianas. Essa identificação chega a uma *dessexualização* das relações objetais. No masoquismo moral, trata-se de uma oposição a um movimento regressivo de *ressexualização* das relações objetais edipianas por uma via de retorno do declínio do Édipo ao Édipo. Diz Freud: “A consciência e a moral aparecem pelo fato do complexo de Édipo ter sido ultrapassado, dessexualizado; pelo masoquismo moral, a moral é ressexualizada, o complexo de Édipo ressuscitado, uma via regressiva da moral ao complexo de Édipo é aberta”. Por meio dessa ressexualização, o menino revive seus desejos sexuais passivos, “femininos” (segundo Freud) com relação ao pai edipiano, eventualmente seu desejo de apanhar dele; a menina tem desejos equivalentes.

Em suma: o masoquismo moral apresenta uma aparência de culpa fundando-se em um Supereu impessoal e dessexualizado quando, na verdade, trata-se do desejo de punição (sexualizado), de satisfação masoquista.

MASOQUISMO MORAL E NEUROSE

O que caracteriza o masoquismo moral é certamente a repersonalização do Supereu no pai, essa revivência do Édipo; mas tudo isso não aparece, não se vê, é o contrário que se manifesta. O masoquismo moral finge ter aparências impessoais enquanto visa, na realidade, o pai edipiano. Podemos, pois, dizer que se o masoquismo moral guarda a aparência de culpa com uma realidade de satisfação masoquista, é para guardar a aparência da neurose com uma prática perversa escondida. É essa simulação do masoquismo moral que torna ainda mais característica uma das dificuldades clínicas: o sujeito que transgride o faz não pela satisfação libidinal de transgressão, mas para provocar a própria culpa e dar-se a satisfação masoquista da punição. Há aí três fases de simulação: o sujeito simula, em primeiro lugar, ter tido como objetivo a satisfação apesar da transgressão; depois ele mostra, em segundo lugar, sofrer uma culpa que de fato deseja e erotiza; para terminar, simula uma autopunição (a culpa) pelo Supereu quando, na realidade, ele visa a punição pelo pai (edipiano).

O masoquismo moral, portanto, finge para manter uma aparência de neurose pós- edipiana. Mas a própria existência do masoquismo moral mostra uma falha na organização neurótica. Isso porque, do ponto de vista da culpa, a neurose é uma organização que visa suportar a culpa ligada a seus desejos através do conjunto de sintomas. Uma organização neurótica falha desse ponto de vista não permite ao sujeito, apesar dos sintomas, suportar a culpa. Então só resta ao sujeito suportar a culpa investindo nela masoquistamente, isto é, tornando-a suportável pela erotização, transformando-a em fonte de satisfação masoquista. Nesse sentido, o masoquismo moral apresenta-se como guardião da neurose, ou, pelo menos, se esforça para sê-lo.

Só permanecemos no quadro do masoquismo moral enquanto o artifício masoquista existir, ou seja, enquanto a aparência masoquista é guardada. Mas se a ressexualização da neurose for demasiado importante, se tornar-se evidente, o masoquismo moral se transforma em masoquismo libidinal que Freud chama de feminino ou, possivelmente, se a regressão continua, em masoquismo erógeno. Nessa hora, deixamos os limites do masoquismo moral e a falha da organização neurótica do sujeito

também se torna evidente para o próprio sujeito. Por isso, a falha na organização neurótica não deve ser demasiadamente importante.

O masoquismo moral é um meio econômico e limitado que responde ou a uma complicação momentânea do funcionamento neurótico ou a uma falha da própria organização neurótica do sujeito. Ou seja, é a perversão chamada em ajuda que ganha terreno e limita-reduz cada vez mais o setor neurótico. Isso é importante em termos de clínica psicanalítica, porque a cura psicanalítica se dá quando o funcionamento neurótico do sujeito é desmontado. Sabemos que o processo psicanalítico impulsiona à ressexualização, mesmo da culpa. Certo masoquismo moral aparece, portanto, de maneira natural e inevitável no funcionamento dos sujeitos neuróticos em análise.

Isso vai aparecer na clínica por uma reação terapêutica negativa. Em sua forma menos aguda, a reação terapêutica negativa é inerente ao processo psicanalítico. Todas as formas dela organizam-se em torno da culpa inconsciente. Pergunta-se: o movimento negativo, por sua oposição ao analista, não seria também uma ressexualização liminar da relação transferencial? De qualquer forma, o masoquismo moral parece ser inerente ao processo psicanalítico, inerente ao desenvolvimento de uma cura. Na clínica, em alguns casos, o masoquismo moral é liminar; em outros é muito importante e o “fingimento masoquista” a ele ligado pode aparecer com uma frequência muito grande.

Pela importância do assunto tive de me estender um pouco sobre ele, mas ainda de forma insuficiente para abordar de maneira mais abrangente as múltiplas implicações do masoquismo moral na clínica das neuroses.

BIBLIOGRAFIA

- 1 – A Teoria Pulsional na Clínica de Freud – Luiz Hans – Ed. Imago
- 2 – Além do Princípio do Prazer – Obras Completas, Vol. XVIII- S. Freud – Ed. Imago
- 3 – O Problema Econômico do Masoquismo – Obras Completas , Vol. XIX – S. Freud - Ed. Imago
- 4 – Masoquismo mortífero e Masoquismo Guardiã da Vida – Benno Rosenberg – Ed. Escuta
- 5 – Anotações de aula